

Coleção Aventuras Grandiosas

H. Rider Haggard

ELA

MISTÉRIO NO CORAÇÃO DA ÁFRICA

Adaptação de Isabel Vieira

2ª edição

 **EDITORIA
RIDEEL**

INTRODUÇÃO

Antes de mais nada, preciso contar como esta incrível história chegou às minhas mãos para que eu a publicasse. Estive com seus autores uma única vez, anos atrás. Foi um encontro breve. Um amigo que vivia na Universidade de Cambridge, em cuja casa eu estava hospedado, apresentou-nos.

Caminhávamos pelas alamedas arborizadas quando vimos dois homens que também passeavam. Chamavam a atenção pelo contraste. O mais jovem era alto, cabelos loiros e encaracolados, porte atlético, simpático e sorridente. Lembrava a estátua de **APOLO**. O outro aparentava uns 45 anos, era baixo, feio, pernas curtas, peito **ENCOVADO**. Os olhos miúdos, as grossas sobrancelhas e os cabelos pretos e revoltos formavam com a espessa **COSTELETA** um conjunto bem estranho, fazendo-o assemelhar-se a um macaco.

— Leo Vincey e seu **TUTOR**, Horace Holly — apresentou-me o amigo.

Trocamos algumas palavras sobre a África, de onde eu acabara de voltar, e, quando eles se foram, meu amigo confessou que os dois eram apelidados na universidade de “a bela e a fera”.

Nunca mais ouvi falar neles. Até que, um mês atrás, recebi pelo correio uma carta e um pacote remetidos por Horace Holly. Confesso que seu nome não me dizia nada. Só depois de ler a carta me lembrei dele. Estava escrito:

Universidade de Cambridge, 10 de maio de 1890

Caro senhor

Fomos-lhe apresentados, Leo Vincey e eu, em Cambridge, cinco anos atrás, por um amigo comum.

*Li há pouco um livro seu sobre uma aventura na África. Gostei demais da narrativa e decidimos, meu **PUPILO** e eu, enviar-lhe esta história escrita por nós para sua apreciação e possível publicação.*

*Meu receio é que, por ser fantástica demais, o senhor não acredite nela. Pode estar certo de que todos os fatos narrados são absolutamente verdadeiros. Como prova, envio-lhe um pedaço de cerâmica com a inscrição em grego, um **CAMAFEU** e dois **PERGAMINHOS** encontrados no cofre legado a Leo por seu pai.*

- ▶ **APOLO**: deus grego que representa a beleza
- ▶ **ENCOVADO**: encolhido
- ▶ **COSTELETA**: barba que se deixa crescer nas laterais do rosto, junto às orelhas
- ▶ **TUTOR**: indivíduo encarregado de educar um menor e zelar pelos bens dele
- ▶ **PUPILO**: órfão que está sob a guarda de um tutor
- ▶ **CAMAFEU**: pedra semipreciosa com uma figura em baixo-relevo
- ▶ **PERGAMINHO**: manuscrito feito em pele de cabra ou de carneiro



*Estamos partindo para o **TIBETE**, onde ficaremos por longo tempo para adquirir sabedoria e conhecimento. Se decidir publicar o livro, peço o favor de entrar em contato com nossos advogados em Londres. E também de guardar os pergaminhos, a cerâmica e o camafeu até a nossa volta.*

*Atenciosamente,
Horace Holly*

Muito ocupado, demorei alguns dias para ler os originais. Interessei-me logo pela fantástica narrativa, mas, ao procurar o senhor Holly, soube que ele já havia deixado a Inglaterra. Seus advogados autorizaram a publicação.

Creio que nada tenho a acrescentar, a não ser que este é o relato mais extraordinário que jamais ouvi de um ser humano. Os leitores que o julgarem...

1. UM MISTÉRIO MILENAR

Já se passaram mais de vinte anos, mas os acontecimentos daquela noite ainda estão vivos em minha memória...

Era tarde. Eu fumava meu cachimbo e me preparava para uma prova de latim na Universidade de Cambridge, onde morava. Ao soltar uma baforada, vi-me refletido no espelho e disse para mim mesmo:

— Horace Holly, trate de se destacar pela inteligência, pois a aparência não o ajuda nem um pouco.




Sabia que era muito feio, embora tivesse uma capacidade física e mental acima da média. Vivia solitário, pois nenhuma mulher me aceitava. Batidas na porta me tiraram daquelas **DIVAGAÇÕES**. Quem seria a uma hora dessas?

— Entre — eu disse, reconhecendo a tosse de meu amigo Bernard Vincey do lado de fora.

Ele carregava com dificuldade um cofre de ferro. Colocou-o na mesa e outro acesso violento de tosse o **ACOMETEU**, levando-o a cuspir sangue.

— Espere, vou chamar um médico! — disse, correndo para ajudá-lo.

Vincey me deteve com a mão, impedindo-me de sair:

-  **TIBETE:** o mais vasto planalto do mundo, na Ásia Central, junto à cordilheira do Himalaia
-  **DIVAGAÇÃO:** distração, digressão
-  **ACOMETE:** atacar, invadir





— Não vá, não adiantará nada. Estudei medicina e sei que meu mal não tem cura. Por favor, Holly, ouça-me. O que sabe a meu respeito?

Eu não tinha família e Vincey era meu único amigo. Mas confesso que sabia pouco sobre ele. Era rico e entrara na universidade já mais velho. Tinha sido casado e sua mulher morrera. Aos 30 anos, estava gravemente doente.

— Você sabe que tenho um filho? — ele perguntou.

Aquela notícia era para mim uma completa surpresa.

— Está com cinco anos de idade — continuou. — Sua mãe, a única mulher que amei, morreu quando ele nasceu. E agora, que também me preparo para deixar este mundo, desejo que você aceite ser seu tutor.

— Eu?! — assustei-me. — Você viverá muitos anos ainda! — assegurei.

Bernard contou então a história de um mistério **MILENAR**. A história da família dele. Seu filho, Leo Vincey, era o único descendente de uma das mais antigas famílias do mundo, garantiu ele.

Segundo disse, seu antepassado mais distante era um sacerdote egípcio, Kallikrates. Em 339 antes de Cristo, ano em que o último faraó foi deposto, o sacerdote rompeu o voto de **CELIBATO** e fugiu do Egito com a nobre Amenartes, por quem se apaixonou. O navio em que viajavam naufragou e eles foram dar na costa oriental da África, ao norte de onde se situa hoje Moçambique. Foram recolhidos pela rainha de um povo selvagem, mulher de extraordinária beleza.

— Essa rainha assassinou Kallikrates, mas você só saberá detalhes se um dia decifrar os segredos do cofre que aqui está — disse Bernard, prosseguindo.

Amenartes conseguiu fugir com o filho que teve de Kallikrates. Deu-lhe o nome de Tisisthenes, que significa “vingador”. Cinco séculos mais tarde, seus descendentes foram para Roma, onde adotaram o sobrenome Vindex, que tem o mesmo sentido. Depois de outros tantos séculos, chegaram à Inglaterra e Vindex tornou-se Vincey. O avô de Bernard, um rico cervejeiro, morreu em 1821, deixando a fortuna para o pai dele. Este também morrera e meu amigo recebia uma pensão de 2 mil libras anuais. Como herança paterna, recebeu também o cofre que pertencia ao **PRIMOGENITO** da família há dois mil anos.

E era esse cofre que ele queria que eu guardasse para seu filho Vincey até que o garoto completasse 25 anos. Além de me ocupar de sua educação.

— Por favor, aceite, Holly! — suplicou Bernard. — Providencie em meu testamento para que nada falte a você ou a ele. Sei que saberá educá-lo e dar-lhe um bom exemplo. Gostaria que o fizesse estudar grego e árabe. A mãe de Leo era grega. Eu a conheci ao voltar da África, logo que meu pai morreu. Fiz essa viagem para tentar decifrar o mistério do cofre. Se meu filho quiser fazer o mesmo... —

MILENAR: muito antigo, relativo a milhares de anos
CELIBATO: estado da pessoa solteira
PRIMOGENITO: filho mais velho

meu pobre amigo estava no limite de suas forças. — Caberá a ele, quando for adulto, continuar a pesquisa ou destruir a arca para sempre.

— Está bem, aceito ser tutor de seu filho — concordei, para alívio dele, que saiu deixando algumas chaves sobre a mesa, ao lado do cofre.

Bernard Vincey morreu naquela mesma noite. Logo seus advogados me procuraram e Leo veio viver comigo. Era uma criança bonita e inteligente, a quem rapidamente me afeiçoei. Ele passou a me chamar de tio. Contratei um rapaz, Job, para me ajudar a criá-lo. Seguindo as instruções do pai, fiz com que estudasse árabe e grego. Fiz mais: estudei esses idiomas junto com ele.

Aos 18 anos, matriculei Leo em Cambridge. Ele chamava a atenção por sua beleza e simpatia. Todas as mulheres se apaixonavam por ele. Leo, porém, não dava atenção a seus **ATRIBUTOS**, o que o tornava ainda mais encantador. Era inevitável que, ao nos verem juntos, apelidassem-nos de “a bela e a fera” ou “o monstro e o deus grego”. Nas férias, costumávamos caçar na Escócia ou na Noruega. Meu filho adotivo se saía otimamente nos esportes e atirava bem.


Até que, finalmente, Leo completou 25 anos e fomos a Londres buscar o misterioso cofre, que permanecera por duas décadas guardado no banco.


2. DECIFRANDO OS SEGREDOS DO COFRE

Nossas mãos tremiam quando Job trouxe as chaves que o pai de Leo deixara em meu quarto havia tantos anos. Eram três. A primeira, moderna, girou na fechadura, e a tampa do cofre de ferro se levantou, deixando ver uma caixa de madeira, que abrimos com a segunda chave, pesada e antiga. Dentro dela havia um estojo de prata medindo cerca de 30 centímetros por 20, com pés e tampa em forma de **ESFINGE**, certamente uma obra de arte egípcia. A terceira chave, de prata maciça antiquíssima, revelou-nos o seu interior.

Uma carta endereçada a Leo pelo pai acompanhava curiosos objetos: um medalhão com o retrato da mãe de Leo, que ele olhou com carinho; um camafeu com a inscrição egípcia “filho do Sol”; uma cerâmica parecendo uma **ÂNFORA** quebrada, com letras gregas gravadas em relevo; e dois pergaminhos.

 **ATRIBUTO**: dote, qualidade

 **ESFINGE**: figura da mitologia grega; monstro alado com cabeça de mulher e copo de leão

 **ÂNFORA**: vaso de cerâmica com duas asas e gargalo estreito, usado por gregos e romanos para armazenar e transportar líquidos





Leo abriu a carta do pai e leu:

Meu querido filho

Quando estiver lendo estas linhas, já será maior de idade e eu estarei morto há muito. O conteúdo da caixa de prata prova a antiguidade da nossa família. A história escrita por um antepassado nosso no pedaço de cerâmica sempre me fascinou. Aos 19 anos, fui à África para desvendar esse mistério. Caso queira continuar as pesquisas, aqui vão algumas informações.

*Ao norte da foz do rio Zambeze, muitos quilômetros para o interior do continente africano, avistei a montanha em forma de cabeça de negro descrita na cerâmica. Um selvagem **ERRANTE** que encontrei ali me confirmou que, para além dos pântanos, vivia um povo que falava árabe, morava em **SUBTERRÂNEOS** e era governado por uma mulher lindíssima, que jamais envelhecia.*

*Não pude ir adiante, pois, ao voltar ao navio para buscar mantimentos num porto próximo, uma tempestade **PÔS A PIQUE** a embarcação. Fui recolhido por um cargueiro que me deixou na Grécia, onde conheci sua mãe. O resto você já sabe: nós nos casamos, você nasceu, ela morreu. Quando novamente pensei em viajar para a África, já estava condenado pela doença.*

*Eu acredito na **VERACIDADE** da lenda. Deixo a seu critério decidir se vale a pena continuar a pesquisa (e descobrir, talvez, o segredo da eterna juventude) ou destruir estas **RELÍQUIAS** que acompanham nossa família há 20 séculos.*

Não havia assinatura nem data. Leo e eu examinamos a cerâmica e os pergaminhos. Como sabíamos grego e latim, logo vimos que os três objetos contavam a mesma história. Um dos pergaminhos continha a tradução latina do original grego inscrito na cerâmica. O outro era uma tradução mais recente, em inglês, feita pelo próprio Bernard Vincey. Li em voz alta:

*Eu, Amenartes, esposa de Kallikrates, sacerdote de **ÍISIS**, dirijo-me a meu filho Tisísthene. Por meu amor seu pai quebrou o voto de castidade e fugimos do Egito. No centro da África, subimos um grande rio até uma montanha em forma de cabeça de negro. Um povo selvagem nos capturou e nos levou para além dos pântanos. Esse povo habitava uma montanha oca e costumava matar prisioneiros colocando vasos quentes em suas cabeças. A rainha, uma mulher belíssima, apaixonou-se por Kallikrates, seu pai, e decidiu matar-me.*

- ▶ **ERRANTE**: nômade
- ▶ **SUBTERRÂNEO**: que fica debaixo da terra
- ▶ **PÔR A PIQUE**: afundar
- ▶ **VERACIDADE**: verdade
- ▶ **RELÍQUIA**: preciosidade
- ▶ **ÍISIS**: uma das divindades mais importantes do Egito

*Ela nos levou a um abismo onde **RIBOMBAVAM** trovões e nos mostrou a Chama da Vida. Ela entrou no fogo, ficando ainda mais bela. Queria que seu pai entrasse com ela, prometendo torná-lo imortal. Mas ele se negou, pois me amava e preferiu ficar comigo. Cega de raiva, a rainha o matou. Julgando-me protegida pelos deuses, por não ter perdido o amor de seu pai, ela me mandou de volta à costa, onde embarquei para a Grécia. Você nasceu a bordo.*

O camafeu sagrado de Kallikrates, símbolo dos sacerdotes de Ísis, agora lhe pertence. Rogo-lhe que procure aquela mulher para roubar-lhe o Segredo da Vida e vingar a morte de seu pai. Caso não possa fazê-lo, que o espírito de vingança se transmita a todas as gerações, até que um descendente nosso mergulhe no fogo, torne-se eterno e reine sobre todos os povos.

Ficamos em silêncio, pensando. Aquela história era fantástica demais...

— Quero descobrir se ela é verdadeira, tio Horace — disse Leo, por fim. — Você me acompanha à África? E você, Job? Gostaria que fôssemos os três.

Poucos meses depois, navegávamos rumo à costa africana. O navio era comandado pelo árabe Mohammed e levava rebocado um pequeno barco feito na Escócia, com compartimentos **ESTANQUES**, próprio para subir o rio e chegar ao coração da África. O capitão acreditava que nosso propósito era caçar.

Numa noite de lua cheia, já avistávamos a costa quando comentei:

— Creio que amanhã veremos a montanha em forma de cabeça de negro, acima da foz do rio Zambeze. Aí começará nossa caçada.

A tripulação dormia. Só Mohammed, Leo, Job e eu conversávamos sob a brisa noturna. Temendo que algum marinheiro roubasse nossos pertences, Job resolveu dormir no barquinho. Puxou a corda que o prendia ao navio e pulou para dentro. Leo e eu deitamos na cabine e logo caímos no sono. Daí a pouco, despertamos com um ruído ensurdecedor e corremos para o **CONVÉS**.

— Um furacão! — gritou Mohammed, desesperado.

Uma onda descomunal avançava em direção ao navio. Agarrei-me num dos mastros e, num segundo, estava debaixo d'água, no mar revolto, enquanto a onda cobria tudo. Leo havia desaparecido. Ouvei Job berrar:

— Nadem para cá! Nossa embarcação está a salvo! Depressa!

Mohammed e eu conseguimos alcançar o pequeno barco que, graças aos compartimentos estanques, continuava flutuando. O piloto cortou a corda que o ligava ao navio no instante exato em que este afundou, do contrário seríamos arrastados para o fundo. Novo vagalhão avançou e, com ele, Leo foi jogado ao nosso encontro dentro do barquinho.

🔍 **RIBOMBAR**: retumbar, ecoar

🔍 **ESTANQUE**: sem abertura ou fenda por onde possa entrar ou sair líquido; separado

🔍 **CONVÉS**: pavimento externo de uma embarcação



— Cuidado, os **RECIFES!** — gritei.

A cadeia de pedras que nos separava da praia tinha uma única abertura, formando um canal. O capitão foi hábil o bastante para fazer o barco passar por ela. O mais incrível é que, depois dos recifes, a calmaria era completa. Acordamos no dia seguinte com o sol brilhando. Dezoito marinheiros haviam morrido. Apenas Leo, Job, Mohammed e eu sobrevivemos ao naufrágio.

3. AVENTURAS EM SOLO AFRICANO

Apesar da névoa sobre a costa africana, Mohammed logo achou a foz do rio Zambeze, que procurávamos. Remávamos nessa direção quando avistamos a montanha em forma de cabeça de negro, idêntica à descrita por Amenartes há milhares de anos e por Bernard Vincey mais recentemente. Devia ter uns 50 metros de base e 25 de altura. Resolvemos remar rio acima e procurar um local seco para **ATRACAR**. Na véspera, Job por sorte havia levado para o barco nossas roupas, comidas e bebidas. Assim, pudemos fazer uma boa refeição.

Pouco adiante, achamos um pequeno porto, única parte seca na margem mais elevada do rio. Do outro lado só havia pântanos. O sol era insuportável. Incapaz de descansar à sombra das árvores, Leo desembarcou e inspecionou os arredores. Vi-o esburacar o chão com sua faca e descobrir alguma coisa.

— Venha ver, tio Horace! — chamou, empolgado. — Isto já foi um **CAIS!**

Uma argola de pedra própria para amarrar cabos de navio era visível sob a terra recém-cavocada. Um velho muro coberto de hera também parecia feito pela mão do homem, pois os blocos eram ligados por **ARGAMASSA**.

— Meu pai estava certo! — gritou Leo. — Estes são **INDÍCIOS** claros de que aqui havia um porto construído por um povo civilizado que viveu nesta região. Talvez ainda viva, meu tio... Que lhe parece?

Eu estava impressionado. Os argumentos de Leo eram **IRREFUTÁVEIS**. À tarde, quando o sol baixou, levantamos a vela do barco e seguimos subindo o rio. As águas estavam infestadas de crocodilos; no pântano, uma manada de hipopóta-

- 🚩 **RECIFE**: rochedo à flor da água, próximo à costa
- 🚩 **ATRACAR**: amarrar a embarcação à terra; encostá-la no porto
- 🚩 **CAIS**: porto de embarque e desembarque
- 🚩 **ARGAMASSA**: mistura de areia, água e um aglutinante (cal, cimento) usada para assentar tijolos ou pedras de construção
- 🚩 **INDÍCIO**: sinal
- 🚩 **IRREFUTÁVEL**: incontestável, que não se pode negar

mos se aproximou para nos observar. Ao anoitecer, os mosquitos nos devoravam. O jeito foi nos cobrirmos com roupas, apesar do calor infernal.

A primeira noite africana não foi nada tranquila. Atraídos pela carne fresca de um **ANTÍLOPE** que caçamos para comer, dois leões se aproximaram perigosamente do barco. Por sorte, Leo e eu conseguimos atirar e liquidá-los.

Uma semana depois, já havíamos navegado 150 quilômetros quando o rio se **BIFURCOU**. Um afluente largo e fundo se mostrou à nossa frente e não sabíamos por onde continuar. Optamos por seguir o curso d'água original, mas logo tivemos de voltar, pois ele se tornava raso, impossibilitando a navegação.

Pegamos então o afluente, que mais parecia um canal feito pelo homem, com as margens elevadas e regulares. O calor e os mosquitos iam ficando cada vez mais insuportáveis. A superfície da água se encheu de vegetação, tornando o ato de remar extremamente penoso. Quatro dias nessas condições, dentro do coração da África, acabam com qualquer homem. Caí, desfalecido, no fundo do barco, achando que nunca mais veria a luz do sol.

Mas o pior estava por acontecer. Acordei com dois olhos me fitando e uma fria lança cutucando meu peito. Imóvel, ouvi as perguntas em árabe:

— Quem são vocês? O que procuram aqui?

A voz vinha de um dos ocupantes da canoa que emparelhara com nosso barco. Calculei que houvesse nela uns dez guerreiros armados. Respondi:

— Somos viajantes. Viemos caçar e estamos perdidos.


O homem que apontava a lança perguntou a uma sombra ao lado dele:

— Pai, devo matá-los?


— Se são brancos, não os mate — respondeu o vulto, com voz cavernosa. — A-que-deve-ser-obedecida foi avisada da chegada deles e ordena que sejam levados à sua presença. Vamos tirá-los do barco e cumprir nosso dever.

Fomos arrancados da embarcação e acomodados em **LITEIRAS**, suspensas nos ombros de dois homens cada uma. Na margem do rio havia mais de 50 guerreiros armados. Só Mohammed, que não era branco, teve de seguir a pé.

Se não fosse por saber que éramos prisioneiros, eu estaria até feliz, pois o interior da liteira era bastante confortável, recoberto por ervas e folhagens. Além disso, era muito agradável ser carregado, ouvindo o canto **CADENCIADO** e monótono dos guerreiros. Adormeci e acordei com o sol bastante alto. Devo ter dormido umas oito horas, calculei.

 **ANTÍLOPE:** mamífero ruminante comum na África, com chifres longos e ocos

 **BIFURCAR:** abrir-se em dois

 **LITEIRA:** cadeirinha fechada e coberta, sustentada por dois varais horizontais, por onde as carregavam homens ou animais

 **CADENCIADO:** ritmado





Afastei a cortina da liteira e olhei à volta. Atravessávamos uma estreita trilha dentro do pantanal. Nossos capttores eram altos, com no mínimo 1,80 metro de estatura. Magros, tinham a pele cor de bronze, mas os cabelos não eram encarapinhados como os dos negros, e sim lisos, caindo-lhes pelos ombros. Falavam árabe e algo neles me lembrava os orientais.

— Está acordado, homem branco?

Reconheci na liteira ao lado o vulto que parecia ser o chefe do grupo.

— Sim, Pai — respondi, tratando-o respeitosamente.

— Vejo que falam o idioma árabe e têm boas maneiras — disse o velho. — Mas não acredito que tenham vindo aqui para caçar, como disseram ontem.

— Como você se chama e quem é o seu povo? — ousei perguntar.

— Meu nome é Billali e somos *amahagger*, o povo dos rochedos — disse.

— Para onde nos leva?


— Em breve saberá, estrangeiro.

Paramos logo adiante, no que parecia ser a cratera de um extinto vulcão. Saímos das liteiras e Mohammed, exausto, veio juntar-se a nós. Estávamos na entrada de um corredor que levava a um imenso subterrâneo. Reparei que alguns dos homens **PERFILADOS** para nos receber não eram amarelados como os primeiros. Tinham a pele tão escura quanto a de Mohammed.

O mais curioso foi ver um cortejo de mulheres bonitas e sorridentes se aproximar. Suas feições eram delicadas, os olhos, profundos, e os cabelos longos tinham tonalidades entre o castanho e o preto. Usavam cintos largos de couro e algumas se vestiam com túnicas amarelas, como Billali. Só mais tarde eu soube que essa cor significava que eram membros da nobreza.

Como sempre acontecia na Inglaterra, Leo transformou-se no centro das atenções femininas. Suspiros deslumbrados escaparam da boca das mulheres quando meu filho adotivo tirou o chapéu, deixando seus cabelos loiros e longos caírem até os ombros.

A mais bela das jovens, que vestia uma daquelas roupas amarelas, não se limitou a admirar Leo a distância. Aproximou-se dele e presenteou-o com um apaixonado beijo. Temi que algum pai ou marido ciumento se adiantasse para nos matar. Mas isso não aconteceu. Ao contrário: a jovem tornou a beijar Leo e este, pensando que o beijo fosse a forma habitual de cumprimento entre os membros da tribo, empenhou-se em retribuí-lo com visível prazer.

 **PERFILADO**: alinhado, apurado

4. REINADO FEMININO

Logo soubemos que o significado do beijo era outro. Billali convidou-nos para entrar na caverna e a moça que beijara Leo, Ustane, entrou conosco. Era costume entre os *amahagger* que as mulheres escolhessem seus noivos. O pedido de casamento era feito beijando-se o homem em público. Ao retribuir o agrado, Leo, sem saber, havia concordado e **CONSUMADO** o matrimônio.

A galeria subterrânea levava a um salão, onde nos serviram uma farta refeição. Billali nos observou comer, sem tocar nos alimentos, e nos contou detalhes sobre a organização de seu povo. Os *amahagger* se compunham de dez tribos, cada qual com 7 mil pessoas e sob as ordens de um chefe — o Pai — igual a ele. A-que-deve-ser-obedecida reinava, absoluta, sobre todos.

O velho disse ainda que homens brancos jamais haviam estado ali antes. Os *amahagger* costumavam matar qualquer estrangeiro que subisse o rio, e ele já se preparava para fazer isso quando recebeu ordens de *Ela* para nos poupar.

— Se *Ela* vive longe daqui, como soube da nossa presença? — indaguei.

Billali respondeu com outra pergunta:

— Na sua terra não existe quem seja capaz de olhar sem os olhos e ver sem os ouvidos? *Ela* sempre sabe de tudo... — o velho fez uma pausa, depois continuou. — E creio que simpatizou com vocês, pois é a primeira vez que manda poupar estrangeiros desde o tempo dos meus bisavós.

— No tempo dos seus bisavós A-que-deve-ser-obedecida já existia? — estranhei. — Então *Ela* deve ter centenas de anos...

Billali **DESCONVERSOU** e avisou que nos deixaria por alguns dias. Tinha de ir à presença de *Ela* receber instruções a nosso respeito. Fomos instalados em aposentos individuais que lembravam antigas **CÂMARAS MORTUÁRIAS**. Job, com medo, veio dormir no meu “quarto”.

Na manhã seguinte, uma mulher já madura aproximou-se dele e tentou beijá-lo. O pobre homem fugiu, apavorado. Temendo ter ofendido a tribo, dei a primeira desculpa que me ocorreu: disse que Job era casado e deixara vários filhos em nossa terra. A mulher recebeu minhas palavras friamente.

Nos dias em que Billali ficou fora, tentei saber mais sobre os costumes daquele curioso povo. As tribos viviam espalhadas e distantes umas das outras. Suas leis eram extremamente severas. Só viam a rainha uma vez por ano, quando ela surgia, com o rosto coberto, para aplicar suas sentenças.



CONSUMAR: realizar, terminar



DESCONVERSAR: esquivar-se, mudar de assunto



CÂMARA MORTUÁRIA: sepulcro típico do Egito Antigo



Os *amahagger* consideravam *Ela* eterna, mas alguns deles, entre eles Ustane, contavam uma história diferente. Diziam que *Ela* escolhia um marido e o matava logo depois do nascimento de sua herdeira. Quando envelhecia, a rainha se retirava para morrer em um local distante, deixando em seu lugar a filha, a quem já havia ensinado as artes da magia, fonte do seu poder. Qual das versões seria a verdadeira? De qualquer forma, uma coisa era certa: a força e o poder de *Ela* eram imensos. Ninguém a contrariava. Sua vontade era lei.

Estávamos visitando as plantações com Ustane, que não saía do lado de Leo, quando soubemos que haveria uma festa em nossa homenagem. Aquilo não me soou bem. Mas como recusar sem ofendê-los?

Os maus **PRESSÁGIOS** se confirmaram quando nos fizeram sentar à volta de uma fogueira e um homem arrastou Ustane para longe. A pobrezinha nos olhava, assustada, vigiada por dois guerreiros. Apalpei meu revólver debaixo da roupa e notei que Job também trouxera o dele. Leo tinha uma faca no cinto.

Suspeitávamos de que a finalidade da cerimônia fosse obrigar Job a se casar com a mulher que o beijara de manhã. Além de Ustane, ela era a única mulher presente. Por isso não entendemos quando ela foi buscar Mohammed no canto escuro da caverna onde o recolheram desde que chegamos. O coitado só saía dali para comer. Passava os dias maldizendo Alá pela sua situação.

Os *amahagger* começaram uma espécie de cântico, compassado e cada vez mais rápido, ao mesmo tempo em que se embriagavam com uma bebida **FERMENTADA**, à base de trigo. Compreendi que diziam algo como:

- Onde está a carne que vamos comer?
- Está pronta. Já virá – respondiam em coro.
- E o vaso para assá-la já está quente?
- Está quente, está quente – tornavam a responder.

Ao som dessas palavras, Leo, pálido, pôs-se em posição de defesa.

– Ouviu isso, tio Horace? São os vasos quentes da inscrição em grego no pedaço de cerâmica! Era assim que os selvagens matavam os estrangeiros!

Tudo aconteceu em poucos segundos. Guerreiros revolveram as brasas da fogueira, retirando delas o vaso **INCANDESCENTE**. A mulher pôs uma corda no pescoço de Mohammed e os homens ajudaram-na a imobilizá-lo. Percebendo as intenções do grupo, saquei o revólver e atirei na mulher, que, antes de cair, enterrou a faca no coração de Mohammed. Gritos e tiros soavam na caverna. Rodeados de selvagens, defendíamos-nos como podíamos.

- **PRESSÁGIO**: pressentimento
- **FERMENTADA**: que passou por uma transformação química (fermentação)
- **INCANDESCENTE**: escaldante, em fogo

Job e eu usávamos revólveres e Leo manejava sua faca de caça como se fosse um **SABRE**. Matei quantos homens pude, até que fui derrubado. No chão, vi Leo caído ao meu lado e ouvi alguém gritar:

— Traçam uma lança para acabarmos com ele!

Nesse instante, a corajosa Ustane jogou-se sobre o marido, protegendo-o com seu corpo. Não fosse ela, Leo não estaria vivo para contar esta história. Devo a vida de meu filho a Ustane...

Desmaiei. No meio das sombras, ouvi Billali exigir que os *amahagger* parassem a matança. Ele voltara naquele momento. Quando acordei, estava ao meu lado, sorrindo, aliviado. Perguntei-lhe por Leo e ele garantiu que meu filho estava bem. Os ferimentos de Job eram superficiais. Milagrosamente, tínhamos nos salvado e dado cabo de doze guerreiros — com a mulher, treze pessoas. Billali elogiou nossa coragem e pediu desculpas pelo acontecimento.

— Entre nós é tradição matar estrangeiros — explicou. — Como *Ela* não disse o que fazer com o companheiro de pele escura que veio com vocês, eles desrespeitaram minhas ordens e o executaram. Mas A-que-deve-ser-obedecida irá puni-los com severidade, podem estar certos. Quanto a mim, ganharam um admirador. Gostaria de saber como funcionam as armas com ruído de trovão.

Expliquei-lhe o funcionamento das armas de fogo e prometi que, assim que estivesse bom, faria uma demonstração para ele. Billali tinha ordens de *Ela* para levar-nos à sua presença o mais breve possível. Mas Leo não estava em condições de viajar. Melhorara um pouco e Ustane não o deixava um só minuto, cuidando dele com extrema dedicação. No dia de partir, achamos melhor Leo viajar deitado, numa liteira. Estava muito fraco ainda.

— Ustane vem conosco? — perguntei a Billali.

— Se ela quiser, vem. Nossas mulheres podem fazer tudo o que querem, menos uma coisa: contrariar a vontade da rainha.

— E se elas se recusarem a obedecê-la, o que acontece?

— O mesmo que acontece com as árvores que não se curvam à fúria do vento — ele respondeu.

5. VIAGEM À MORADA DE *ELA*

Para chegar a Kor, onde vivia a rainha, era preciso atravessar o pântano. Fomos acomodados cada um numa liteira, com Billali e os guerreiros à frente. Leo piorou mal começou a viagem. Ardia em febre e decidi administrar-lhe uma dose de **QUININO**.

🗡️ **SABRE**: espada curta, usada na esgrima

🗡️ **QUININO**: alcaloide extraído da casca da quina e usado no tratamento da malária

Por precaução, Job e eu tomamos outra igual. Era o único remédio de que dispúnhamos para combater a febre dos pântanos. Billali tentava nos animar.

– Em Kor o clima é seco e agradável. Logo estaremos lá.

No segundo dia de viagem, fui acordado com gritos. Na **VANGUARDA** da expedição havia acontecido um acidente. Um dos carregadores fora picado por uma cobra e largara a liteira de Billali, que, desequilibrada, caíra nas águas do pântano. Os homens discutiam para saber de quem era a culpa, mas ninguém fazia nada para salvar o velho, que se debatia nas águas lamacentas.

– Afastem-se, tolos! – berrei, mergulhando até trazer à tona o Pai, todo sujo de lama.

Billali estava indignado com os guerreiros e grato a mim.

– Iam me deixar no pântano, seus animais? Se não fosse o estrangeiro, eu estaria morto agora – e, tomando a minha mão, completou: – Meu querido filho... Você ganhou minha amizade. Conte comigo enquanto eu viver...

Ao pôr do sol, finalmente pisamos em terra firme. A bela Ustane, que não gozava de nossos privilégios, seguia a pé junto da liteira de Leo, cuidando de meu filho dia e noite como a mais dedicada enfermeira. Dois dias depois, alcançamos a planície de Kor. Ao longe, vimos uma montanha com as paredes verticais altíssimas, verdadeira fortaleza feita pela natureza.

– É onde mora A-que-deve-ser-obedecida – apontou Billali. – Que rainha do mundo tem um castelo mais seguro?

– Como entraremos lá? Não vejo passagem alguma – estranhei.

– Há uma passagem secreta. Você jamais a encontraria sozinho.

Um caminho calçado com pedras cortava a planície por quilômetros até a morada de *Ela*. Parecia um canal, pois era cercado por muros também de pedra. Billali contou que, em tempos remotos, seus antepassados fizeram o canal para escoar a água da chuva. Kor ficava na cratera de um vulcão extinto. Atualmente havia outro canal, menor, e utilizavam o antigo como estrada.

“Como uma civilização tão adiantada teria desaparecido?”, pensei. Os *amahagger* não me pareciam inteligentes o bastante para descender desse povo excepcional. Deixei para investigar o mistério mais tarde. No caminho, o vale arborizado abrigava grandes animais: búfalos, zebras, rinocerontes. Como havia prometido a Billali uma demonstração da arma, apontei o rifle e derrubei um antílope, que comemos no jantar. O velho ficou entusiasmado!

– Desculpem, mas agora preciso vendá-lhes os olhos – disse ele ao nos aproximarmos da montanha.

Claro, para não vermos a passagem secreta! Até Ustane teve os olhos tapados. Quando nos tiraram as vendas, estávamos no centro da cratera. Era gigantesca, com quilômetros de diâmetro. Nossos aposentos ficavam numa caverna situada



num dos cantos da cratera. Eram todos iguais, com uma cama de pedra forrada com peles de leopardo e vasos para nos lavarmos.

Apesar de preocupado com Leo, que não havia melhorado, senti grande prazer em lavar-me e vestir roupas limpas. Acabava de arrumar-me quando uma bela jovem afastou a cortina do quarto e fez sinais para segui-la. Levou-me à sala de refeições, onde já estavam os outros convivas. Soube na ocasião que todos os criados do castelo eram surdos-mudos.

Depois de comer, permaneci junto ao leito de Leo, que se debatia em febres e alucinações, sempre assistido por Ustane. Billali avisou que a rainha iria receber-me. Era uma honra que A-que-deve-ser-obedecida concedia a raras pessoas, mas nessa altura eu não estava mais interessado em conhecer a misteriosa mulher. Por que tínhamos nos metido no coração da África? Jamais me perdoaria se essa estúpida expedição custasse a vida do meu filho!

— São ordens de *Ela* — disse Billali, vendo minha hesitação.

Ao sair do quarto, peguei do chão um objeto que, provavelmente, Leo deixara cair: o camafeu de Kallikrates, que Leo havia transformado em anel para levá-lo sempre consigo. Coloquei-o no dedo para devolvê-lo depois.

Guardas surdos-mudos nos conduziram até os aposentos de *Ela*. Billali ajoelhou quando eles nos deixaram a sós e mandou que eu fizesse o mesmo. Mas por que eu, um inglês, iria ficar de joelhos diante de uma rainha africana? Continuei de pé, enquanto o velho **RASTEJAVA**. Então, o cortinado se abriu.

A criatura que apareceu, envolta em véus, tinha mãos claras e dedos longos, e sua voz soou harmoniosa e zombeteira, num árabe perfeito:

— Por que esse pavor, estrangeiro? Haverá em mim algo assustador?

— Só sua beleza, majestade... — respondi, disfarçando o medo.

— Perdoo sua mentira porque ela é **LISONJEIRA**...

Percebendo a presença de Billali, *Ela* mudou o tom de voz. Com dureza, mandou-o embora e avisou que, no dia seguinte, proferiria a sentença contra os subordinados dele que haviam matado Mohammed. Billali saiu, rastejando, e *Ela* convidou-me gentilmente a sentar ao seu lado.

— Estou farta de selvagens que rastejam a meus pés. Como se chama?

— Horace Holly, rainha.

— Holly... — soletrou ela. — Bonito nome. Então conhece nosso idioma?

— Estudei árabe durante muito tempo.

— Quer dizer que o árabe ainda é falado? — surpreendeu-se a rainha dos *amahagger*, disparando perguntas, uma atrás da outra: — O Egito ainda existe? Que faraó o governa? É algum persa? É que estou aqui há tanto tempo...

➤ **RASTEJAR**: arrastar-se

➤ **LISONJEIRO**: galante, elogioso





— Os persas deixaram o Egito há 2 mil anos, majestade... Depois deles, houve outros povos. Desculpe, mas como pode conhecer coisas tão antigas?

Em vez de responder, *Ela* fez novas perguntas, muito interessada:

— Os gregos continuam a existir? Os hebreus ainda estão em Jerusalém? E o tal Messias que esperavam? Chegou?

— Sim, majestade, a Grécia ainda existe, embora um pouco mudada. Os judeus deixaram Jerusalém e estão no mundo todo. O Messias chegou, chama-se Jesus. Quase a metade da população da Terra segue seus ensinamentos.

Fiz uma pausa, observando a reação de *Ela* às revelações, e perguntei:

— Por que caço de mim, majestade? Jesus morreu há quase 2 mil anos!

Ela me olhou como se quisesse penetrar dentro de minha alma.

— Há coisas que você não sabe, Holly... — disse, suavemente. — A vida é um eterno ciclo: nascer, morrer, nascer outra vez. Chame-me de Ayesha, esse é meu verdadeiro nome. Sabe por que eu, mais bela que **HELENA DE TROIA** e mais sábia que **SALOMÃO**, continuo entre os selvagens? Porque espero meu amado, um homem que aqui viveu, morreu e um dia voltará. Pode ser que demorem 5 mil anos ou que venha amanhã! Estarei aqui, esperando por ele...

6. A-QUE-DEVE-SER-OBEDECIDA





Meu espanto diante do que ouvia era imenso. Com cuidado, **INSINUEI**:

— Desculpe, rainha. Se os homens renascem continuamente, não parece acontecer o mesmo com a senhora... já que nunca morreu!

— É verdade. Adquiri um poder que todos os humanos desejam, o de prolongar a vida indefinidamente. Que são 2 mil anos, se tenho a eternidade a meu dispor? — ela fez um gesto vago e mudou de assunto abruptamente: — Meu caro Holly, não gostaria de saber como descobri sobre a vinda de vocês?

— Claro, majestade... — respondi, curioso.

A rainha me mostrou uma taça e cobriu-a com as mãos. A água tornou-se **TURVA** um minuto, para logo voltar à sua limpidez. No líquido transparente pude

-  **HELENA DE TROIA**: heroína do poema grego *Ilíada*, de Homero. Por sua beleza, foi raptada por Páris, rei de Troia, causando a Guerra de Troia, que durou dez anos
-  **SALOMÃO**: rei de Israel de 971 a 932 a. C.
-  **INSINUAR**: induzir, persuadir, sugerir
-  **TURVA**: escura, nublada

ver — sim, ver com meus próprios olhos! — o barco onde viajávamos, com todos os seus ocupantes: Leo, Job, Mohammed e eu. Assustado, exclamei:

— Mas isso é magia, Ayesha!

— Está enganado, Holly. Isso é conhecimento da natureza, uma ciência que aprendi com os egípcios. Não sou capaz de prever o futuro, apenas posso reconstituir situações que eu ou pessoas próximas já viveram. Eu conhecia o canal onde estavam e, de repente, senti vontade de revê-lo. Foi assim que, casualmente, descobri vocês e pedi que os trouxessem até mim. A propósito, gostaria de conhecer o jovem que Billali chama de Leão. Está doente, parece.

— Muito doente, rainha, infelizmente. Não poderia curá-lo? A senhora tem tantos poderes! Ele é meu filho adotivo. Posso trazê-lo para que o veja?

Ayesha não pareceu preocupar-se. Disse que a febre dos pântanos não matava ninguém antes de três dias e prometeu que, se Leo não melhorasse até a noite seguinte, prepararia um remédio para ele. Estava claro que a entrevista havia acabado. Antes de me retirar, fiz um pedido **INSANO**:

— Ayesha, gostaria de ver seu rosto...

— Quem vê meu rosto se apaixonou por mim... — a rainha ponderou. — Não quero que sofra, Holly. Só existo para aquele que foi e que há de voltar.

Minha curiosidade era tão grande que resolvi arriscar. Eu não temia a beleza, pois sabia que era passageira. Mas jamais poderia supor o espetáculo que meus olhos veriam. Quando Ayesha deixou cair o véu e exibiu seu corpo perfeito, visível sob a túnica transparente, fiquei totalmente atordoado. *Ela* não era deste mundo! Seu ser parecia impregnado de uma majestade divina. Os cabelos negros contrastavam com a alvura da pele e a silhueta revelava uma graça admirável. Nossos olhares se cruzaram e *Ela* notou meu embaraço.

— Satisfeito, homem? Não diga que eu não o avisei...

De repente, o rosto de Ayesha adquiriu uma expressão cruel e a voz saiu numa tonalidade dura e metálica.

— Que anel é esse?! Responda ou será aniquilado pelo meu ódio!

Assustado com a transformação, vi que *Ela* se referia ao camafeu de Leo e só consegui balbuciar que a joia pertencia ao meu pupilo. Ayesha se desculpou, como se falasse consigo mesma:

— Estranho... Há muito tempo conheci um camafeu como esse, mas não estava incrustado num anel... Perdão, Holly. Agora vá. Quero ficar sozinha.

Em meu quarto, repassei os acontecimentos e concluí que eu só poderia estar louco! Com meus sólidos conhecimentos científicos, como acreditar na existência de uma mulher com mais de 2 mil anos? E o camafeu? Se de fato tivesse pertencido a Kallikrates, então Leo era o homem que Ayesha esperava!



Gostaria de ter ficado à cabeceira de meu filho, de onde Ustane não arredava pé, mas Billali avisou que A-que-deve-ser-obedecida ordenava minha presença no julgamento dos que mataram Mohammed. Fui levado a um salão onde dezenas de pessoas se ajoelhavam. Ayesha, numa cadeira alta, mandou trazer os culpados e deixou que apresentassem sua defesa. Os argumentos de que Mohammed não era branco e, portanto, não se incluía entre os estrangeiros que ela mandara proteger não a convenceram. Sua sentença foi dada:

– **CANIBAIS** miseráveis! Serão torturados até morrer!

Embora eu achasse que eles merecessem o castigo, horrorizei-me com a ideia da tortura e pedi a Ayesha que lhes desse outra pena. *Ela* discordou.

– Holly, se eu atender seu pedido de **CLEMÊNCIA**, em outra ocasião eles me desobedeceriam de novo. Não vê que mantenho os *amahagger* submissos e obedientes por meio do medo e do mistério? Venha, quero mostrar-lhe algo.

A rainha descobriu o rosto e, como boa anfitriã, conduziu-me através de compridos corredores no interior da grande caverna. Parou na entrada de um salão e me indicou um mural com uma inscrição muito antiga.

– Isto parece uma **CATACUMBA** – comentei.

– Sabia que você era mais inteligente que os outros homens!

Ayesha riu com ironia e leu o conteúdo da placa: aquilo tinha sido uma sepultura concluída no ano de 4259, depois da fundação da cidade de Kor.

– Se onde estamos era um túmulo, onde fica a cidade? – perguntei.

– Kor acabou em 4803. Uma peste matou todos os seus habitantes. As ruínas estão a poucos quilômetros, num local que foi a cratera de um vulcão.

– Quem são os *amahagger*, então? Descendentes do povo de Kor?

– Não! – respondeu Ayesha. – Com certeza não são! Quando cheguei a Kor, há mais de 2 mil anos, já viviam aqui. Meus poderes não chegam a ponto de retroceder no tempo e saber sua origem, mas talvez sejam filhos **BASTARDOS** de algum árabe errante. A civilização de Kor acabou para sempre.

Uma dúvida me martelava a cabeça. Não resisti e perguntei:

– E você, Ayesha? Quem é você? De onde veio?

– Vim do Egito. Fugi de lá depois de discordar de alguns sacerdotes. Aqui encontrei um sábio com quem aprendi o segredo da vida. Era adorado pelos *amahagger*, embora não fosse um deles. Continuo entre os selvagens porque espero meu amado, que há de voltar. Mas já lhe disse isso, não?

➤ **CANIBAL**: antropófago, feroz, bárbaro

➤ **CLEMÊNCIA**: indulgência, misericórdia, compaixão

➤ **CATACUMBA**: galeria subterrânea que servia de cemitério; sepultura

➤ **BASTARDO**: filho ilegítimo; degenerado da espécie a que pertence

A rainha puxou-me pela mão e me mostrou os incríveis subterrâneos construídos pelo povo de Kor: salas dedicadas a deuses que veneravam, obras de arte e múmias em perfeito estado de conservação, que ela garantiu serem mais perfeitas que as egípcias. Na porta de seus aposentos, nos despedimos.

— Vou preparar o remédio para o seu filho — prometeu Ayesha. — Vá para junto dele que logo estarei lá também.

7. UMA PAIXÃO DE 2 MIL ANOS ATRÁS

Chegando ao quarto de Leo, tive medo de que ele não pudesse mais ser salvo. Tinha chegado ao limite de sua resistência física. Job e Ustane estavam desesperados, pois meu filho não reagia aos seus cuidados e delirava de febre.

— Diga a estes servos que se retirem, Holly — ordenou Ayesha, surgindo como um fantasma, envolta em véus. — Ninguém pode ver minha magia!

Como Ustane se recusasse a cumprir a ordem, implorei à rainha que a deixasse ficar. Afinal, uma esposa deve permanecer ao lado do marido. Mas *Ela* não fez caso dos meus protestos e a pobre Ustane saiu rastejando.

Ao se aproximar do leito, um grito de Ayesha ecoou pela caverna:

— Kallikrates! Meu Kallikrates! Você voltou para mim, meu amor!

Disse-lhe que, se Leo era o seu “Kallikrates”, que lhe desse o remédio bem rápido, do contrário ele morreria. Emocionada e trêmula, a rainha pediu minha ajuda. A pele de Leo tinha a tonalidade cinza e seus dentes estavam tão cerrados que precisei fazer força para abrir sua boca e despejar o líquido. Aos poucos, ele voltou a ficar corado e sua respiração se normalizou.

— Ele dormirá durante 12 horas e acordará curado — disse Ayesha, sem deixar de acariciar os cabelos de Leo. — Veja só, Holly! Com todos os meus poderes, eu não sabia que Kallikrates estava aqui tão perto, morrendo... Não me perdoaria se o deixasse morrer. Teria de esperar outros milhares de anos...

Em seguida, *Ela* perguntou por Ustane. Quando soube que a esposa de Leo era uma *amahagger*, tranquilizou-se.

— Ah, apenas uma *amahagger*. Ordenarei que morra imediatamente.

— Vai mandar matá-la? Que culpa ela tem? — protestei.

— Esperei Kallikrates durante 2 mil anos e não vou perdê-lo para uma selvagem. Não insista, Holly, e não se meta nesse assunto!

Mudei de **ESTRATÉGIA** e tentei convencê-la da importância de Ustane.



— Ayesha, essa mulher arriscou a própria vida para salvar “Kallikrates” das lanças dos guerreiros, esqueceu? Cuidou da saúde dele e o trouxe até você. Não acha que é um mau começo para o amor de vocês o destino que planeja dar a ela? Se soubesse, “Kallikrates” não aprovaria, com certeza...

Ela pareceu abalada com minhas ponderações. Mandou chamar Ustane.

A pobre moça entrou no quarto assustada, pensando que Leo estava morto. Ao vê-lo vivo, o alívio estampou-se em seu rosto. E não se curvou às ordens de *Ela*, que a mandou viajar para longe e esquecer o homem que estava no leito.

— De jeito algum! Ele é meu marido, segundo o costume do meu povo!

Furiosa, *Ela* apontou o dedo para Ustane que, sem ser tocada, foi jogada violentamente para trás, como se um raio a tivesse paralisado. Rastejando, a moça se afastou, deixando meu coração partido. Eu aprendera a gostar dela e a respeitá-la. Não era justo vê-la submetida a tanta humilhação. *Ela* ordenou que mudassem Leo de quarto. Durante toda a noite, estive vigiando seu sono. Na manhã seguinte, vendo o vulto feminino ao lado dele, Leo puxou-a para si.

— Por que cobriu o rosto, Ustane?

— Ustane viajou para visitar sua família — disse Ayesha, com um **TIMBRE** sonoro e apaixonado. — Agora sou eu quem cuida de você.

Pensei que *Ela* fosse revelar-lhe imediatamente sua condição, mas isso não aconteceu. Embora tratasse Leo com imenso carinho, deixou o mistério permanecer durante toda sua **CONVALESCÊNCIA**, que durou mais alguns dias. Finalmente, fomos avisados de que haveria uma festa para nós.

Depois da última comemoração, em que quase morremos nas mãos dos *amahagger*, eu preferia dispensar festejos. Além do mais, Leo estava muito fraco ainda. Mas o convite de *Ela* era uma ordem. No cenário montado ao ar livre, Ayesha preparara um baile à fantasia. Homens e mulheres estavam vestidos de animais e imitavam seus comportamentos e ruídos.

Leo e eu nos afastamos um pouco da área iluminada e fomos pegos de surpresa por um “leopardo” que cruzou à nossa frente, nos chamando:

— Venham, rápido! — suplicou, arrastando-nos para o bosque.

A voz de Ustane era inconfundível.

— Por que demorou tanto, amor? — disse Leo. — Que saudades senti!

— Eu também, querido — Ustane se abraçou a ele, emocionada. — Ouça, *Ela* me expulsou do seu lado e corremos risco de vida. O único jeito é fugir!

— Fugir por quê? — indagou Leo. — Vamos explicar a situação à rainha.

— Não... Não... — chorava Ustane, abraçada a ele.

TIMBRE: tom de voz

CONVALESCÊNCIA: período de recuperação de um doente

Adivinhei a tragédia **IMINENTE**. Escoltada por Billali e dois guerreiros, Ayesha se aproximou e investiu contra Ustane, que deu um passo à frente, demonstrando incrível coragem.

— Amo este homem e só a morte o tirará do meu lado! — gritou.

Não suportando mais a afronta, Ayesha fuzilou-a com o dedo estendido. Uma faísca elétrica cruzou o ar e Ustane caiu morta. Leo atirou-se sobre *Ela*:

— Assassina! Assassina! — berrava.

— Desculpe se o magoo, Kallikrates, mas é que o esperei por 2 mil anos — disse Ayesha, com doçura e meiguice. — Não permitiria ninguém entre nós...

— Não sou Kallikrates! Meu nome é Leo Vincey e eu a odeio, assassina!

— Você teve um antepassado chamado Kallikrates, não teve?

— Tive, mas isso não quer dizer nada. Só sinto ódio por você!

— Você é a reencarnação dele, meu amor. Não se lembra de mim?

Com um gesto gracioso, Ayesha deixou cair a capa e o véu, mostrando suas formas esculturais por baixo do vestido transparente.

— Venha, Kallikrates. Reconhece-me agora? Venha...

Leo olhou-a, enfeitiçado. Resistiu o mais possível, depois caminhou lentamente para ela e a envolveu num abraço apaixonado.

8. *ELA* REENCONTRA SEU AMADO

Abraçada a Leo, Ayesha estava radiante. Disse que tinha uma prova de que o havia esperado durante 2 mil anos e o convidou a segui-la, o que ele fez docilmente. Ayesha voltou-se para mim:

— Venha também, Holly. Quero que veja.

Acompanhamos *Ela* por novos corredores subterrâneos que levavam a uma sala desconhecida. Sobre uma cama de pedra jazia um cadáver humano coberto por um lençol. Ayesha levantou o tecido e vimos, **ESTARRECIDOS**, um homem exatamente igual a meu filho. *Ela* dirigiu-se a Leo:

— Eis seu corpo, Kallikrates! Pude conservá-lo por dois milênios graças aos meus conhecimentos de mumificação. Todas as noites tenho vindo dormir ao seu lado, esperando o dia em que voltaria, reencarnado. Esse dia chegou!

 **IMINENTE**: muito próximo, imediato

 **ESTARRECIDO**: espantado, aterrado, apavorado



Leo, pouco à vontade, queria sair logo dali. Mas *Ela* tinha outra coisa a nos mostrar. Pediu que eu descobrisse o peito de Kallikrates, onde se via uma enorme ferida. Era a marca da lança que o matara.

— Perdão, querido! Matei-o numa explosão de ódio, porque você amava Amenartes! *Ela* estava sob a proteção dos deuses egípcios e portanto **IMUNE** a meus feitiços. Por isso atingi você! Por séculos chorei sua perda, mas agora irei recompensá-lo. Vou prolongar-lhe a vida por milhares de anos e seremos muito felizes. Chegou a hora, meu amor... Não preciso mais do seu corpo morto, já que agora o tenho novamente vivo...

Com essas palavras, Ayesha aproximou-se da múmia e derramou sobre ela um líquido. O ácido foi consumindo rapidamente a matéria, deixando no ar uma nuvem provocada pela reação química.

— O pó está voltando ao pó — murmurava *Ela*, numa espécie de **TRANSE**. — Kallikrates morre para renascer, como tudo o que existe neste mundo...

Exausta com tantas emoções, Ayesha recolheu-se a seus aposentos. Queria ficar sozinha. Mandou-nos descansar também, pois no dia seguinte começaria nossa jornada às ruínas de Kor e ao local onde brilhava o Fogo da Vida. Mas nem eu nem Leo conseguimos dormir. Leo remoía-se em remorsos por não ter impedido a morte de Ustane. Eu tentava consolá-lo como podia.

— Ninguém é capaz de enfrentar os poderes de Ayesha, filho! Sei que você amava Ustane e tentou protegê-la, mas foi impossível. E não se culpe por estar agora apaixonado por *Ela*. Seus encantos são mágicos, eu que o diga...

Sim, pois, como *Ela* mesma previra, eu também sucumbira à sua graça e estava totalmente envolvido por aquela misteriosa mulher... Para complicar mais as coisas, havia o mistério de Kallikrates. Se Leo e eu não acreditávamos em reencarnação, a que atribuir a semelhança entre a múmia e meu filho?

Na manhã seguinte, Ayesha nos chamou e expôs os motivos da viagem. Segundo disse, era preciso que Leo passasse pelo Fogo da Vida, do contrário seria consumido pelo brilho que emanava de si própria. O percurso demoraria dois dias, e depois disso eles poderiam viver plenamente seu amor.

— E a você, Holly, concederei também o favor de entrar na Chama da Vida — Ayesha prometeu. — Assim poderá ter uma longa juventude.

— Agradeço, rainha, mas prefiro envelhecer e morrer com dignidade ao chegar a minha hora, junto com os de minha geração.

Ela insistiu e argumentei que não necessitava de uma vida mais longa. O que eu não disse é que, depois de ver seu rosto, jamais poderia esquecê-la. Seria um suplício viver uma eternidade lembrando desse amor impossível...

 **IMUNE**: isenta, livre

 **TRANSE**: estado alterado de consciência

— Você é quem sabe — conformou-se Ayesha, voltando-se em seguida para Leo e pedindo-lhe que contasse como ele havia chegado até ali.

Meu filho relatou a história do cofre misterioso que herdara do pai, sem omitir nenhum detalhe. *Ela* ficou pensativa.

— Que curioso! — exclamou, por fim. — Foi justamente Amenartes, a quem tanto odiei, que acabou trazendo Kallikrates de volta aos meus braços. A egípcia pediu vingança ao filho e a todos os seus descendentes... Pois cá estou, meu amor... — Ayesha ajoelhou-se aos pés de Leo e estendeu-lhe seu punhal. — Se quiser vingar-se e matar-me, este é o momento certo. Prometo submeter-me sem reagir. Não usarei de meus poderes para me defender.

— Não farei isso... nem quero — balbuciou Leo, ajudando-a a se levantar.

O sorriso de Ayesha iluminou seu rosto.

— Creio que começa a me amar, Kallikrates, e isso me alegra! Depois que passarmos pelo Fogo da Vida, iremos para a Inglaterra e você será o rei.

— A Inglaterra já tem uma rainha — tentou explicar-lhe Leo.

— Que importa? Nós a derrubaremos...

— Não é tão simples. Existem leis e...

— Ora, as leis! Meu poder está acima de qualquer lei! E você também o terá, Kallikrates, quando entrar na Chama da Vida.

Impossível **DISSUADI-LA** dessa ideia maluca. Arrumamos nossa bagagem e partimos. Somente Billali e sua guarda pessoal nos acompanhavam. Ao pôr do sol chegamos às ruínas de Kor e vimos um espetáculo magnífico: templos, praças, palácios, escadarias, ruas calçadas com blocos de pedra, anfiteatros, uma antiga ponte, tudo iluminado pela lua cheia, que surgia no céu!

— Por que os *amahagger* preferem viver em subterrâneos a reconstruir esta cidade tão bonita? — perguntei. — Não seria tão difícil...

— Porque creem que ela é habitada por fantasmas — explicou Ayesha, com o olhar perdido. — Estive aqui pela última vez quando transportei o cadáver de Kallikrates do abismo onde ele morreu até o palácio onde vivo...

Pernoitamos nas ruínas e andamos o dia seguinte inteiro até alcançar a base de uma parede rochosa de mais de 600 metros de altura. Ayesha apontou a muralha e disse que ali começava nossa verdadeira caminhada. Mandou que Billali e seus homens nos esperassem. Apenas *Ela*, eu e Leo prosseguiríamos.

— Levem-me também! — pediu Job, temendo ficar com os *amahagger*.

A CONTRAGOSTO, *Ela* consentiu. Subir a escarpa rochosa não seria tão difícil se não tivéssemos de carregar uma comprida prancha de madeira, cuja finalidade eu não compreendia. Depois de 100 metros de escalada, chegamos a uma

➤ **DISSUADIR**: fazer alguém desistir de algo

➤ **A CONTRAGOSTO**: contra a vontade, sem querer



saliência na rocha, que a circundava como um estreito caminho. No seu final havia uma gruta. A escuridão era completa. Acendemos os candeeiros.

Meia hora percorrendo os meandros da gruta e chegávamos de novo ao ar livre. Uma lufada de vento apagou os lampiões. A escuridão foi substituída pela **PENUMBRA**. Entre os contornos dos picos, divisei um abismo do qual não se via o fundo nem o lado oposto. Uma estreita plataforma, presa a um ponto da rocha, avançava no espaço vazio como um trampolim.

— Por aqui, sigam-me! — disse Ayesha. — Cuidado com a ventania!

Avançamos rastejando pela plataforma, sob o vento fortíssimo. Apenas *Ela* mantinha-se de pé. Ao nosso redor, tudo era vazio. No fim da plataforma, entendi de que forma a prancha seria usada. Um raio de sol saiu detrás da montanha e iluminou Ayesha, que gritou:

— A tábua, depressa! Logo as trevas esconderão de novo o caminho!

Entreguei a prancha, que *Ela* colocou entre a plataforma e o outro lado do precipício, sobre uma rocha que balançava perigosamente no abismo. *Ela* atravessou-a correndo; Leo, em seguida. Com as pernas trêmulas, fui obrigado a ir. O próximo era Job, mas a luz acabou bem nessa hora. Ouvimos o pobre homem choramíngar de pavor e a tábua sacudir com seus passos.

— Deus do céu! — berrou Job. — A prancha está caindo!

Por milagre, ele conseguiu alcançar o outro lado. Senti sua presença, tremendo, enquanto a prancha se espatifava no fundo do abismo.

— E agora, Leo? Como vamos voltar? — indaguei, aflito.

— Sinceramente, não sei, tio Horace — ele respondeu.

9. O SÁBIO NOOT E O FOGO DA VIDA

Mas *Ela* não parecia nem um pouco assustada. Ao contrário: seguia em frente, decidida, e ainda nos dava ânimo, indicando o caminho. Na borda de uma pedra, ordenou que escorregássemos. Cheguei a pensar se não estaria nos mandando para a morte, mas, depois de deslizar por uma inclinação, aliviado, senti que pisava em terreno firme. Leo e Job vieram atrás de mim.

— Chegamos sãos e salvos! Acendam os candeeiros — *Ela* pediu.

A luz tênue dos lampiões iluminou um cômodo escavado na terra, bem na base da rocha oscilante que tinha servido de apoio à prancha.

— Vocês sabem que lugar é este? — perguntou Ayesha.

 **PENUMBRA:** sombra, meia-luz

— Não tenho a menor ideia — respondi.

— Aqui morava o sábio Noot, um **EREMITA** que possuía os mesmos conhecimentos do povo de Kor, embora tenha vivido numa época em que essa civilização já estava extinta — *Ela* dirigia-se a Leo e a mim, como se Job não fosse capaz de entender seu raciocínio. — Só saía de sua casa a cada doze dias para pegar a comida que os *amahagger* lhe traziam. Ainda hoje é venerado por eles como um santo... Pois bem, certa vez esperei-o à saída da gruta até que viesse buscar os alimentos. Ele se apaixonou por mim e me ensinou todos os seus segredos. Foi Noot quem achou o Fogo da Vida e descobriu os poderes mágicos da chama...

Nessa altura, Ayesha continuou o relato dirigindo-se somente a Leo, a quem chamava de “meu Kallikrates”. Disse que, enquanto Noot viveu, não a deixou entrar no Fogo da Vida. Um dia, o sábio parou de buscar a comida. Os *amahagger* não acreditaram que estivesse morto e sim que tivesse atingido um estágio de santidade em que não precisava mais alimentar-se. E *Ela* entendeu que era chegada a hora de pôr em prática o que ele lhe ensinara: mergulhar na Chama da Vida, adquirindo o conhecimento e perpetuando sua juventude.

— Você estava aqui nessa época, Kallikrates, e eu lhe ofereci a mesma oportunidade. Queria que entrássemos juntos na Chama da Vida. Você estava apaixonado por mim e me seguiu. Na última hora, porém, quando lhe estendi os braços, em vez de cair neles você voltou para a egípcia Amenartes. Você recusou minha oferta e meu amor! Eu estava cega de ódio e desconhecia meus novos poderes, adquiridos depois de banhar-me no fogo. Investi contra você e, sem querer, o matei! Oh, como me arrependo! Por quantos séculos chorei!




Leo ouvia a história, fascinado. Em seus olhos havia o brilho da paixão. Compreendendo que havia reconquistado seu amado, Ayesha finalizou:

— Mas, agora que você voltou, nossa vida recomeçará, Kallikrates. Siga-me, vamos ao encontro do Fogo da Vida, meu amor!

Deixando a casa de Noot, descemos por uma trilha estreita e sinuosa, penetrando cada vez mais nas **ENTRANHAS** do vulcão. Atravessamos outras salas e outros corredores. No final do último havia uma caverna, com uma abertura que dava para um lugar iluminado.

— Chegamos! Vejam, este é o Fogo da Vida! — Ayesha gritou.

A terra estremeceu e ouvimos o ribombar de um trovão. Uma língua de fogo entrou pela abertura e lambeu até o meio da caverna, em ritmo idêntico ao pulsar da Terra. Sem dúvida, estávamos no centro de um vulcão. Notei que seus movimentos eram **CÍCLICOS**: as explosões se repetiam em alguns minutos e o fogo voltava a invadir a caverna. Um espetáculo fascinante!

-  **EREMITA**: ermitão, solitário; que vive em lugar isolado
-  **ENTRANHA**: víscera; algo arraigado, profundo
-  **CÍCLICO**: que se repete como num ciclo; periódico



Ayesha puxou Leo suavemente pela mão:

— Chegou a hora, Kallikrates! Na próxima vez em que o Fogo da Vida invadir a caverna, vamos juntos nos banhar nele...

— Sim... claro... Se é o que deseja... — balbuciou Leo, assustado com a fúria das chamas. — Mas será que não vou me queimar?

— Para provar que nada lhe acontecerá, entrarei primeiro — decidiu *Ela*.

Eu olhava para a cena como se estivesse vivendo um transe mágico. De repente, decidi que queria entrar no fogo também.

— Verdade, Holly? — riu a rainha. — Dias atrás você **DESDENHOU** do meu oferecimento... Está bem, vejo que recuperou a **LUCIDEZ** e não quer perder uma chance única como esta. Vamos fazer o seguinte: eu vou primeiro, depois irá Kallikrates e depois você...

Quando a chama voltou a lamber a caverna, *Ela* deu um beijo em Leo e mergulhou nas labaredas, deixando-se envolver por elas. Dançava dentro do fogo, iluminada, como um anjo resplandecente de luz. Parecia que as chamas queriam acariciá-la, brincando ao seu redor. Olhávamos a cena, hipnotizados, quando algo muito estranho começou a acontecer...

De uma hora para outra, o sorriso de Ayesha murchou, o olhar perdeu o brilho, o corpo começou a encurvar-se. Seria uma **MIRAGEM**? Não! O fogo se afastou e *Ela* continuou envelhecendo vários séculos em questão de segundos. Cambaleou em direção a Leo, com os braços estendidos, suplicando:

— Ajude-me, Kallikrates... O que está acontecendo?

A voz de *Ela* não era mais a mesma. Parecia um **GANIDO**. De repente, seus cabelos desprezaram da cabeça e caíram no chão. Job deu um grito:

— Essa mulher está virando um macaco!... Céus, que horror!...

Job tinha razão. Nossos olhos atônitos viram *Ela* diminuir de tamanho, a face adquirir milhões de rugas, as mãos se transformarem em garras e o que sobrou do corpo se contorcer no chão, como um macaquinho.

— Kallikrates, espere-me! Um dia voltarei!

Foram as últimas palavras que disse, antes de tombar morta no chão.

O espetáculo tenebroso nos fez desmaiar. Quando voltei a mim, Leo e Job continuavam caídos. Cobri o corpo desfigurado de *Ela* com suas roupas, sem entender o que acontecera. Aliás, minha dúvida persiste até hoje: será que o Fogo da Vida se tornou o Fogo da Morte com o passar dos séculos? Ou um segundo mergulho nas chamas resultou num efeito contrário ao primeiro?

- **DESDENHAR**: menosprezar; tratar com orgulho e desprezo
- **LUCIDEZ**: clareza, precisão
- **MIRAGEM**: efeito óptico próprio do deserto; engano dos sentidos
- **GANIDO**: voz esganiçada; grito lamentoso dos cães

Ao tentar acordar Job, tive outro choque: ele também estava morto! Seus olhos saltados das órbitas indicavam um ataque cardíaco fulminante. Pobre Job! O coração não aguentou tantos sobressaltos, culminando com esse!

Chamei Leo e não lhe dei tempo de lamuriar-se nem de chorar a perda de sua amada. Tínhamos de tentar sair daquele lugar maldito imediatamente!

10. O CAMINHO DE VOLTA

Atordoados e desorientados, andamos horas pelas trilhas escuras, caindo e tropeçando, pois o óleo dos candeeiros acabara. Não sei como conseguimos chegar à casa de Noot. Então lembramos do abismo que teríamos de transpor. Sem a prancha para atravessá-lo, não seria melhor ficar ali até morrer?

Mas o instinto de sobrevivência falou mais alto e decidimos arriscar. A grande pedra oscilava sobre o precipício, talvez ainda mais solta que antes. Na escuridão absoluta, não dava para ver o outro lado. A plataforma não deveria estar longe. Cansados e famintos, sentamos um instante na rocha, pensando se valia a pena arriscar. Um salto a distância no escuro poderia ser mortal.

De repente, o raio de luz surgiu por entre as montanhas como num passe de mágica. Recordamos que ele durava pouquíssimo tempo. Era agora ou nunca! Leo segurou a pedra e mandou que eu fosse primeiro. Tomei impulso, despedi-me da vida e mergulhei no precipício em direção à plataforma, tentando alcançar a saliência que parecia um trampolim construído pela natureza. Mas meus pés não chegaram até lá... Estendendo as mãos, toquei a rocha pontiaguda e me agarrei a ela com toda a força possível. Estava pendurado sobre o abismo!

— Força, tio Horace! Jogue as pernas para o alto. Vamos, estou aqui!

Era Leo, que cruzara o precipício num segundo e, do alto do trampolim, tentava me suspender pelos pulsos. Graças à sua ajuda, consegui subir. Caí, exausto, na plataforma, e só então reparei que os cabelos de meu filho tinham embranquecido totalmente. Leo aparentava ter envelhecido vinte anos...

Descemos a montanha, trôpegos, torcendo para que Billali e sua guarda estivessem nos esperando no ponto combinado. Por sorte, eles estavam! Mas, ao nos ver, ficaram apavorados. Ambos estávamos sujos e rasgados, Leo tinha se tornado outra pessoa e Ayesha não mais nos guiava.

— Amigo Holly! São vocês mesmos? — Billali veio ao nosso encontro. — Quem é este homem de cabelos brancos parecido com o jovem “Leão”? O que houve com ele? Onde estão A-que-deve-ser-obedecida e o companheiro dela?

— Morreram, Billali.

— Impossível! *Ela* não morre nunca!





Vendo que os guerreiros nos observavam, pedi a Billali que fosse mais **DISCRETO**. Disse que sentíamos muita fome, sede e cansaço, e que portanto as explicações ficariam para mais tarde. Ele nos serviu uma farta refeição junto do fogo e dormimos um sono profundo. Quando acordamos, soube por Billali que tinham se passado um dia e uma noite. Ele estava sentado ao nosso lado.

– Conte-me tudo, amigo. Os guardas não estão ouvindo agora.

Como poderia contar-lhe a terrível verdade? Preferi **OMITIR** uma parte dela. Disse-lhe que Ayesha havia mergulhado no Fogo da Vida e desaparecido diante dos nossos olhos. Detive-me mais falando nos **PERCALÇOS** da volta.

– Não acredito que A-que-deve-ser-obedecida tenha desaparecido para sempre. Nossos antepassados contam que, certa vez, ela sumiu por um longo período, depois voltou. *Ela* é imortal!

Se Billali preferia acreditar nessa versão, eu não iria tirar-lhe as ilusões. Sabia que, sem *Ela* para nos proteger, nossa situação entre os *amahagger* se tornava delicadíssima. Billali confirmou que corríamos sério risco de vida se tentássemos voltar à aldeia. Os vasos quentes certamente seriam usados para liquidar os estrangeiros. O mais adequado, segundo o velho, seria escaparmos por um outro caminho. Havia uma passagem na montanha usada no passado pela população de Kor para levar o gado para pastar. Dali poderíamos alcançar o pântano e, em três dias de caminhada, chegar ao grande rio e depois ao mar.

– Não sei que perigos enfrentarão no percurso, mas acho que é melhor do que vasos quentes na cabeça, concordam? — disse Billali.

Fiquei emocionado com o oferecimento do velho *amahagger*.

– Por que faz isso por nós? Por que tenta nos salvar?

– Já se esqueceu de que salvou minha vida uma vez, Holly? Eu não esqueci. Além disso, gosto muito de você e do “Leão”, mesmo mais velho...

Realmente, Billali e eu havíamos nos afeiçoado um ao outro. Mas creio que havia outra forte razão para ele se preocupar com nossa segurança: se *Ela* continuasse viva, como ele acreditava, e um dia voltasse, certamente o responsabilizaria pelo que acontecesse conosco...

A viagem de volta começou no dia seguinte, depois de descansarmos outra noite para recuperar as forças. Billali e os guerreiros nos levaram à borda da cratera do vulcão por uma trilha estreita e escondida entre a vegetação. No alto da montanha, olhei pela última vez as ruínas da cidade imperial de Kor, magníficas, na planície lá embaixo, e dei adeus a elas. Descemos a outra borda da cratera e, durante três dias, caminhamos pelo solo **MOVEDIÇO** do pântano.

- **DISCRETO**: reservado, prudente
- **OMITIR**: deixar de falar
- **PERCALÇO**: obstáculo, dificuldade
- **MOVEDIÇO**: instável, que se move facilmente

Foi um alívio pisar finalmente em terra firme, com árvores frutíferas e caça abundante. Depois da floresta corria o rio Zambeze. Billali apontou-o com a mão e despediu-se de nós. Dali em diante, Leo e eu estaríamos sós.

— Adeus, querido amigo. Nunca vou esquecer-lo! — eu disse ao velho *amahagger*, apertando-o num forte abraço.

— Adeus, Holly! Adeus, Leão! Meu coração estará sempre com vocês — respondeu ele, e logo seu vulto desapareceu na **BRUMA** junto com os guardas.

No caminho de volta, Leo e eu levávamos apenas uma bússola, nossos revólveres e rifles e um pouco de **MUNIÇÃO**. Com grande esforço, alcançamos o rio Zambeze, mas passaríamos ainda por muitas aventuras antes de chegar em casa, na nossa querida Inglaterra. Resumo aqui apenas algumas delas.

As armas que carregávamos não nos impediram de cair prisioneiros de uma tribo primitiva, que se encantou com os cabelos brancos de Leo e julgou-o um deus. Estivemos presos durante seis meses na aldeia, onde, graças a esse detalhe, fomos muito bem tratados. Por fim, conseguimos fugir de lá.

Voltamos a caminhar pela mata africana por vários meses, até darmos com os costados em uma praia. Dali fomos recolhidos por um navio cargueiro português, que se dirigia à Ilha de Moçambique e que nos deixou na cidade de Beira. Foi desse porto que, finalmente, um ano e meio depois de nossa partida, embarcamos de volta para nossa terra.

* * * * *

Aqui termino este relato, instalado novamente em meu alojamento na Universidade de Cambridge. Leo leu e revisou o texto, concordando com tudo o que está escrito. Segundo meu filho adotivo, a narrativa expressa exatamente toda a fantástica aventura que vivemos juntos.

Relembrar essa história nos fez revivê-la em todos os detalhes. Ainda há pouco estivemos conversando sobre o assunto. E, para dizer a verdade, nenhum de nós dois conseguiu concluir coisa alguma sobre *Ela*...



BRUMA: nevoeiro



MUNIÇÃO: material bélico (balas, pólvora) com que se carregam armas de fogo

ROTEIRO DE LEITURA

- 1) Na introdução, um narrador sem nome (que se supõe que seja H. Rider Haggard) avisa que ele é apenas o editor e não o autor da história. Quem você acha que a escreveu: Horace Holly ou H. Rider Haggard? Por quê?
- 2) Você já leu outros livros que começam dessa forma, como se outra pessoa os tivesse escrito? Qual a diferença entre narrador e escritor?
- 3) Releia a carta de Horace Holly na introdução e responda: se ele é o autor do relato, que motivo o levou a entregar o texto ao suposto editor?
- 4) Você gosta de ler histórias e assistir a filmes de aventuras? Ou prefere viver aventuras na vida real? Reúna-se com seus colegas e comentem a respeito das aventuras que vocês mais gostaram de ler, assistir ou viver.
- 5) Pensando na aventura vivida por Leo e seu tutor, Horace Holly, que motivo eles tinham para se embrenhar no coração da África? O que os levou a sentir atração pela rainha *Ela* e a querer desvendar seus mistérios?
- 6) Que objetos havia dentro do cofre legado a Leo Vincey por seu pai? O que estava escrito na carta de Bernard Vincey ao filho e nos dois pergaminhos?
- 7) O conteúdo do cofre menciona fatos passados no Egito Antigo, no tempo dos faraós. Peça ajuda ao professor de História e faça um quadro com datas e acontecimentos marcantes dessa civilização. Depois, discuta com seus colegas se a história de Amenartes poderia ou não ser verdadeira.
- 8) Quem eram os *amahagger* e por que eles pouparam Leo, Job e Holly?
- 9) Por que os *amahagger* chamavam *Ela* de A-que-deve-ser-obedecida? Você conhece outro escritor que use expressões desse tipo para caracterizar algum personagem? (Uma dica: lembre-se da história de Harry Potter...)
- 10) *Ela* era poderosíssima, sábia e também lindíssima. Você conhece alguma mulher com essas características? Na sua opinião, os homens preferem figuras femininas desse tipo ou outras, mais fracas e submissas?
- 11) Que explicação dava Ayesha para o fato de estar viva há 2 mil anos? Você acha que isso era possível? Ou que poderá ser possível um dia o ser humano prolongar a juventude indefinidamente?
- 12) Se você é um garoto e estivesse no lugar de Leo, também se apaixonaria por Ayesha? Se você é uma menina e estivesse no lugar de *Ela*, seria capaz de esperar tanto tempo para reencontrar um antigo amor?



- 13) No Capítulo 5, *Ela* se surpreende ao saber, por Holly, de fatos históricos ocorridos dois séculos antes. Reúna-se com seus colegas e imagine a seguinte cena: daqui a dois séculos, você conversa com alguém do futuro e compara o mundo de hoje com o mundo em que a pessoa vive. Que perguntas faria a ela? Que respostas ela daria? Faça uso da imaginação para prever o que acontecerá na história do planeta.
- 14) O cenário do livro é a África. O que você sabe sobre esse continente? Peça ajuda do professor de Geografia e veja no mapa o roteiro de Leo e Holly no continente africano.
- 15) No fim da história, Holly diz que Leo e ele não conseguiram chegar a uma conclusão sobre a existência de *Ela*. O que você pensa a respeito?



Ela

Uma aventura no coração da África

H. Rider Haggard

BIOGRAFIA DO AUTOR

Nascido em Norfolk, Inglaterra, em 1856, o escritor britânico *Sir* Rider Haggard viveu numa época em que a África era explorada pelas potências europeias, sobretudo pela Inglaterra, como mercado para seus produtos e fornecedora de matérias-primas para a indústria, que iniciava então a produção em grande escala.

Rider Haggard era de família rica. Seu pai foi advogado, e seu avô, alto funcionário da Companhia das Índias Orientais, empresa que explorava o comércio com as colônias. Estudou em ótimas escolas e, bem jovem, aos 21 anos, já trabalhava nas possessões inglesas no sul da África. Ao longo da vida, ocuparia posições de destaque nas colônias africanas, entre elas o Transvaal, como magistrado, especialista em migração e em agricultura.

Seu talento de ficcionista valeu-se das experiências africanas para criar seus dois livros mais famosos, *As minas do rei salomão*, publicado em 1885, e *Ela*, em 1887. Embora Haggard acreditasse na “superioridade” dos ingleses sobre os povos dominados, por outro lado ele nutria grande admiração pelos nativos com quem conviveu. Por isso seus personagens são humanos, sinceros e virtuosos, encantando o leitor, que facilmente se identifica com eles.

Pelos serviços prestados ao seu país, em 1919 o escritor foi elevado à categoria de *Sir*, tornando-se assim um membro da nobreza inglesa. Faleceu em Londres, em 1925, aos 69 anos de idade.

